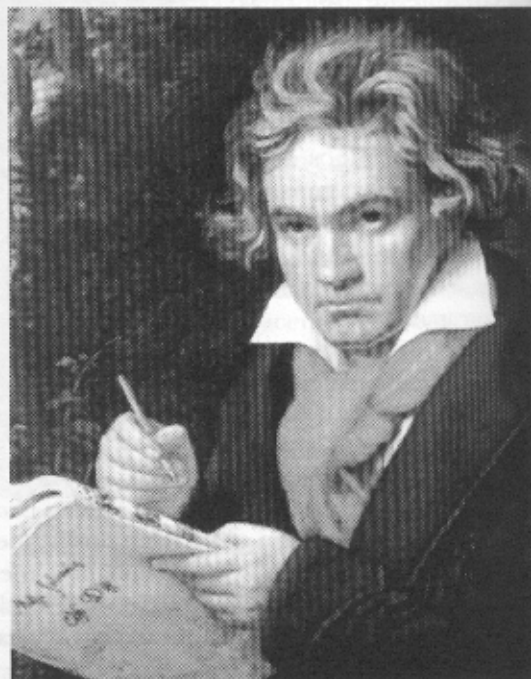


BAIONETAS, CORDAS E CLARINS

Desde a Antigüidade a música acompanha a vida humana, seja nos tempos de paz ou de guerra. A música de Beethoven, de Tchaikovsky, e de Strauss I teve a guerra como pano de fundo. Serviu como uma das vibrações mais fortes contra os conflitos armados, criticando, ironizando ou buscando soluções para aplacar o que é considerada a maior infâmia do mundo.

LEONARDO FILIPO, MARCELLA MÜLLER E PRISCILA BOTTO



Beethoven era admirador da epopéia bonapartista, que depois renegaria.

Os primeiros exércitos das grandes civilizações utilizavam as marchas marciais para elevar o ânimo de seus soldados e para marcar a cadência de sua caminhada. Em plena batalha, eram os toques dos clarins que, sob as ordens do comandante, designavam qual das alas iria dar combate, se a cavalaria ou a infantaria. Do mesmo modo, tocavam a retirada das tropas. E as vitórias eram celebradas com marchas triunfais.

Das Guerras Napoleônicas à Guerra do Vietnã

Desde Joseph Haydn (1732-1809), com *Missa em Tempo de Guerra* (1796), passando por Ludwig Van Beethoven (1770-1827), até chegar à *Abertura de 1812*, de Piotr Ilvich Tchaikovsky (1840-93), as ações de Napoleão Bonaparte (1769-1821) inspiraram compositores, fossem eles favoráveis ou contrários ao imperador francês. Em *Missa Nelson*, o austríaco Haydn se mostra impressionado com a vitória do almirante Nelson sobre as tropas de Bonaparte, na batalha do Nilo, em 1798.

Beethoven acompanhou de perto a Revolução Francesa. Adepto das idéias revolucionárias, era admirador da epopéia bonapartista, que depois renegaria. O compositor alemão dedica a Terceira Sinfonia (Eróica) a Bonaparte.

Republicano, Beethoven via em Bonaparte o fim da monarquia. Mas o Cônsul virou Imperador e a admiração pelo herói libertário deu lugar à desilusão: "Se eu soubesse a arte da guerra como conheço música, eu o venceria", dizia. O tirano e opressor fez com que Beethoven rasgasse a página onde havia escrito uma dedicatória a Bonaparte.

Em 1813, foi a vez de Beethoven se vingar. A armada francesa, comandada pelo rei José Bonaparte e pelo Marechal Jourdan foi vencida pela tropa dos ingleses, liderados por Arthur Wellesley. Para celebrar o fato, Beethoven escreveu a *Vitória de Wellington*, na qual simulava o confronto entre os dois exércitos.

Na introdução, ouve-se primeiro o campo inglês. Um tambor soa ao longe, timidamente. Outros tambores se juntam a ele e a marcha aumenta a potência até que um trovão ressoa no ar. Após os tambores, trompetes lançam um grito de batalha. Os ingleses executam a *Rule Britania*. Do seu lado, os franceses respondem com sua própria fanfara e o hino guerreiro *Malbrouque Vai à Guerra*. Canhões e mosquetes marcam a evolução da batalha. No momento seguinte, só os canhões ingleses ressoam. Os ingleses tomam de assalto o exército de Bonaparte, que agoniza numa patética versão em tom menor de *Malbrouque Vai à Guerra*. No final, há uma vigorosa execução de *God Save the King*.

Os resquícios das guerras napoleônicas continuaram anos depois e até mesmo neste século, nas obras de dois compositores russos. Para comemorar o 70º aniversário da retirada do exército de Napoleão (1812), Tchaikovsky escreveu a *Abertura 1812*. Ele usa a *Marselhesa* para representar o exército francês, e o hino nacional de seu país, para o exército russo. Seria indicada para uma apresentação ao ar livre no Kremlin, com o canhão ligado por eletricidade no pedestal do maestro e centenas de sinos formando um tumulto apoteótico. Já na ópera *Guerra e Paz* (1946), Sergei Prokofiev (1891-1953), baseado no romance de Leon Tolstoi, trata do heroísmo do povo russo quando desafiado por um invasor estrangeiro, que seriam os franceses na Rússia, entre 1808 e 1812.

Passado o período napoleônico, os povos divididos pelo Congresso de Viena, concluído em 1815, começam a lutar por sua nacionalidade. Dentre os músicos que se destacaram nesta fase está Frédéric Chopin (1810-1849). Em 1832, os poloneses se rebelaram contra o domínio russo em Varsóvia. Chopin foi para Paris e, revoltado com as notícias da situação da capital de seu país, o polonês elaborou o patriótico e apaixonado *Estudo Revolucionário*. A obra mais marcante do nacionalismo, porém, foi a *Marcha Radetzky* (1848), composta por

Johann Strauss I (1804-49) para homenagear o marechal-de-campo, Radetzky, que venceu Carlos Alberto, rei do Piemonte, durante a luta pela unificação da Itália. A marcha tornou-se tão popular que até os dias de hoje é tocada pelas bandas militares.

Já com as Guerras Mundiais (1914-1918 e 1939-1945) os compositores tiveram as reações mais distintas. A *Quinta Sinfonia* do dinamarquês Carl Nielsen (1865-1931) foi uma espécie de resposta do compositor à Primeira Guerra. Benjamin Britten (1913-1976) escreveu *Um Réquiem de Guerra*, baseado em poemas de Wilfrid Owen, jovem oficial morto durante a Primeira Guerra. O compositor inglês procurou censurar a guerra e proclamar a paz como um ideal de vida a que todos devemos buscar.

Richard Strauss (1864-1949) teve um olhar mais indireto sobre a guerra. Os conflitos obrigaram o então principal compositor alemão a um retiro voluntário na sua Baviera natal. Lá, entregou-se à sua maior ópera, a sublime e metafísica *Mulher Sem Sombra* (1919), que trata da investigação da humanidade acerca da validade da concepção. Não merecemos crianças, diz a ópera, a não ser que elas sobrevivam para tornar este mundo real. Mas Strauss não fica imune por todo o tempo. Em *Friedenstag* (*Dia da Paz*, 1938) ele volta a falar diretamente da guerra, pregando a sua futilidade e a imandade internacional. Desse modo, a obra se vê privada de popularidade dentro e fora da Alemanha de Hitler.

Outro que procurou abrigo na Suíça foi Igor Stravinsky (1882-1971). Depois de abandonar a Rússia, transforma a privação em virtude artística e escreve o pequeno drama *A História do Soldado* (1918). Segundo alguns, Stravinsky teria previsto a Primeira Guerra Mundial na bárbara cerimônia do sacrifício da *Sagração da Primavera*.

Wagner e o nazismo: Wotan e Hitler

Este dom de antecipar acontecimentos e de elaborar *a priori* a matéria

com a qual criará o Universo foi atribuído aos deuses por Platão. Em escalas humanas e em raras ocasiões, o artista também possui poderes premonitórios e este poder se reflete em suas obras. Na maioria das vezes este dom é inconsciente. Beethoven, por exemplo, cria toda uma nova linguagem e assim, um novo universo na música erudita, além de servir de fonte para outros compositores.



Além do "Anel de Nibelungo" Wagner compôs a ópera "Tristão e Isolde" introduzindo uma nova linguagem na música erudita.

Se Adolf Hitler (1889-1945) possuísse um pouco deste poder de compreender a obra do artista, ele talvez tivesse desistido do nazismo. Existe uma ópera de Richard Wagner (1813-83) chamada *O Anel de Nibelungo*, composta em quatro momentos: *O Ouro do Reno*, *A Valquíria*, *Siegfried e Crepúsculo dos Deuses*. Ao aprofundar e compreender esta obra de Wagner, Hitler poderia entender as previsões do compositor que mostra o fim do império do personagem principal de sua ópera, o deus Wotan. O fim deste império, o Walhalla, se deu pelos mesmos motivos que levaram Hitler e o Terceiro Reich à destruição. São eles: a cobiça, a espoliação, o assassinato e a catástrofe. A seguir, uma comparação entre a ópera de Wagner e a história do Nazismo alemão de Hitler.

O Ouro do Reno - Na ópera, o anão nibelungo, Alberich, rouba o ouro

do Reno que era guardado pelas deusas filhas do rio Reno e com ele forja um anel para tornar-se o senhor do mundo. O rio Reno pode ser a própria Alemanha, cujas riquezas estão simbolizadas pelo ouro, que virou anel nas mãos do anão. Na Alemanha anterior ao nazismo, raças não germânicas se enriqueciam às custas de riquezas nacionais tal qual o anão nibelungo, que não é da raça dos deuses e se apropria de suas riquezas. Este foi um dos fatores que levaram Hitler a desejar uma Alemanha apenas para os alemães (arianos).

Em outra cena, o deus Wotan está diante do recém-construído castelo, o Walhalla, que será a nova moradia dos deuses. O Walhalla foi construído por dois irmãos gigantes. Wotan, não tendo recursos para pagá-los, rouba o anel do anão nibelungo, Alberich, e cobre sua dívida. Numa Alemanha fragilizada pela inflação, Hitler busca financiamentos de raças não germânicas e, não alcançando sucesso, passa a mover uma terrível perseguição a essas raças. O anti-semitismo é um reflexo dessa reação. Na ópera, Alberich, irritado pelo roubo do anel, lança maldições para quem o tiver. Assim como Hitler deve também ter sido alvo de milhões de pragas.

A Valquíria - Neste segundo momento da ópera, Wotan gerou dois filhos extraconjugais: Siegmund e Sieglinde, que foram criados separados. Ao se encontrarem, Sieglinde já casada, apaixonou-se por seu irmão. O amor é recíproco. Sieglinde lhe mostra uma espada enterrada em seu pátio por um desconhecido no dia do seu casamento. O desconhecido dissera que a espada seria daquele que conseguisse desencravá-la. Siegmund ergue a espada e, apaixonado, foge com sua irmã. Em outra aventura extraconjugual, Wotan gera nove filhas, as Valquírias, sendo Brunnhilde a sua preferida.

Fricka, primeira mulher de Wotan, indignada pelo adultério e chocada com a notícia do incesto entre Siegmund e Sieglinde, pede para que Wotan entregue seu filho Siegmund para um combate

com o marido abandonado de Sieglinde. Wotan pede a sua filha Brunnhilde que promova este duelo. Brunnhilde, num gesto de grandeza, acaba por desobedecer às ordens do pai e livra seu meio-irmão do duelo. Wotan, indignado, entra em cena e destrói a espada de seu filho Siegmund que, indefeso, é morto no combate pelo marido de sua irmã Sieglinde. Brunnhilde junta os restos da arma do irmão e foge com Sieglinde, que carregava um filho de Siegmund.

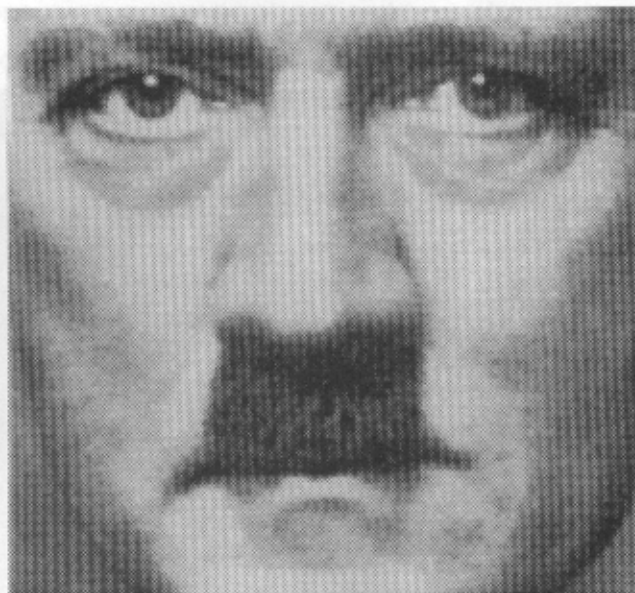
Na Alemanha nazista surgiu um conflito ideológico entre duas correntes do nazismo. De um lado as SS, exército tradicional alemão, e do outro, a SA, força armada paralela que surgiu durante a ascensão de Hitler ao poder. Hitler ordena a prisão e assassinato de todos os chefes das SA, para então poder consolidar sua posição de comando no Reich. Assim como Wotan sacrificou seu filho, Hitler massacró membros de uma outra instituição que mantinha o nazismo.

Wotan, na ópera, castiga sua filha Brunnhilde deixando-a adormecida em um rochedo à espera de ajuda. Sieglinde concebe o filho de seu irmão e marido, Siegmund. Seu filho se chama Siegfried.

Siegfried - Siegfried refunde a espada de seu pai e, desprovido de qualquer medo e acreditando na força da sua nova arma, sai para a floresta à procura dos irmãos gigantes que ainda guardam o Anel e o Ouro, que receberam como forma de pagamento na construção da Walhalla. Siegfried mata os gigantes e, depois de arrebatar o Anel e o Ouro, encontra Brunnhilde na floresta e a deseja como esposa. Siegfried simboliza a juventude alemã.

O Crepúsculo dos Deuses - Siegfried parte em busca de novas aventuras, assim como a nova Alemanha se aventura na invasão da Áustria, Polônia, França e União Soviética. O herói é ludibriado por uma poção mágica para esquecer Brunnhilde e casar-se com Guttrune. Hagen, filho de Alberich (portanto, cinqüenta por cento da raça dos nibelungos), é quem vai interromper as aventuras de Siegfried. Hagen enterra-lhe uma lança nas costas e tenta roubar-lhe o Anel. Mas só Brunnhilde é capaz de retirar o Anel de

seu dedo. Nesse momento a valquíria Brunnhilde, conscientizada da decadência da raça dos deuses, acende uma pira, retira o Anel maldito da mão de Siegfried e o devolve às deusas, filhas do Reno. Em seguida, atira-se ao fogo. O Walhalla é consumido, o Reno invade suas margens e o Anel é devolvido às profundezas do Reno.



Hitler e Wotan: coincidência ou previsão?

Os deuses wagnerianos acabaram tão mal quantos os deuses da Alemanha nazista. Os exércitos aliados, soldados de outra raça, tal como Hagen, metade nibelungo, embaralharam as aventuras de conquista da Rússia, e os russos se juntaram aos norte-americanos. Em maio de 1945, uma bandeira da União Soviética é fincada no alto do edifício da chancelaria, em Berlim, uma Berlim semi-destruída pela guerra. E o Reich de Hitler repete a catástrofe do Walhalla wagneriano.

Esta é uma comparação livre da ópera de Wagner com a Segunda Guerra Mundial. É importante lembrar que são dois universos diferentes; um da mitologia germânica, que representa fortemente a cultura alemã e outro, do contexto histórico. Guardando as proporções, vemos que, na ópera, a idéia do Walhalla é muito mais que um reinado, uma moradia dos deuses, do que um império, como no caso de Hitler. Outra observação é que a conquista do poder de Wotan é divina (já que ele é um deus), enquanto a conquista de poder de Hitler é feita pelas armas e pela guerra.

Hitler, no entanto, nunca entendeu o real sentido da ópera de Wagner. Na

ocasião do enterro do presidente Hindenburg, que ao morrer conferiu poderes absolutos a Hitler, ele ordenou que uma parte da ópera *O Anel de Nibelungo* fosse tocada. No final da execução, Hitler fez uma oração e encerrou com as palavras: "Vós, general morto, entrai agora no Walhalla".

Música pacificadora

Estourada a Segunda Guerra, Hitler invadiu a União Soviética em 1941. Símbolo da resistência russa, Dimitri Shostakovich (1906-1975), compôs no mesmo ano da invasão a *Sétima Sinfonia* e deu-lhe o nome de *Leningrado*, em homenagem à cidade que foi destruída. Em 1943, foi satirizado pelo húngaro Béla Bartók (1881-1945), no *Concerto para Orquestra*.

Até no Brasil a música erudita se envolveu com a guerra. Depois de decidir apoiar os Aliados contra o Eixo, Getúlio Vargas mandou os pracinhas lutarem na Itália.

Servindo aos propósitos do Estado Novo, Heitor Villa-Lobos (1887-1959) compôs o coro *Invocação em Defesa da Pátria*, sobre poema de Manuel Bandeira, para o embarque dos nossos representantes na Segunda Guerra Mundial.

Se a música serve para protestar, também pode (e deve) ser usada para reconciliar. Zubin Mehta, regente da Orquestra Filarmônica de Israel, realizou um emocionante concerto. Reuniu pela primeira vez após a Segunda Guerra Mundial "alemães" e "judeus", estes (de túnica branca) representados pela Filarmônica de Israel e aqueles (de túnica preta) representados pela Filarmônica de Berlim. Na apresentação, ocorrida em Israel, foram executadas três obras.

A primeira foi de um compositor judeu e a segunda, de um alemão. Nestas duas primeiras peças os músicos das orquestras tocaram separados. Na terceira, de um compositor francês, os músicos se misturaram para executá-la, simbolizando a fraternidade universal. Ao final, o público judeu, emocionado, entou de pé uma prece de agradecimento pelo inesquecível encontro, mostrando que somente a beleza da arte divina é capaz de apagar os horrores da Guerra. ◀